

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**Reflexões sobre uma experiência docente: a interação em  
sala de aula e o uso do computador no ensino de Língua  
Portuguesa**

Tânia Baumann  
Orientadora: Professora Ingrid Sturm

**Porto Alegre  
2012**

**TÂNIA BAUMANN**

**Reflexões sobre uma experiência docente: a interação em  
sala de aula e o uso do computador no ensino de Língua  
Portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado ao Instituto de Letras da  
UFRGS, como pré-requisito parcial  
para a obtenção do grau de Licenciado  
em Letras.

Orientadora: Ingrid Sturm

**Porto Alegre**

**2012**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Tânia Baumann

### **Reflexões sobre uma experiência docente: a interação em sala de aula e o uso do computador no ensino de Língua Portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto de Letras da UFRGS, como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 09 de janeiro de 2013.

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ingrid Nancy Sturm

Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jane Naujorks

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lúcia Rottava

## **Agradeço**

À meus pais pelo incondicional apoio que recebi desde criança em minhas escolhas e pela confiança que sempre tiveram em minhas decisões.

Às minhas irmãs Carolina e Fabiane, pela ajuda constante e porque são meus melhores modelos de determinação e paixão por seus ofícios.

Ao Pepê pelo amor e alegria.

À minha orientadora Ingrid Sturm, por toda paciência, pelas valiosas diretrizes, pela dedicação, pelos comentários e críticas, primeiramente em meu estágio docente e principalmente neste trabalho.

Aos professores Fischer, Sergius, Jane Tutikian, Ana Zilles e Felix, que muito me inspiraram durante o curso pelo evidente amor ao ofício e pelo deleite em nossas interlocuções.

Aos mestres que tive a felicidade de encontrar em meu caminho e que me transmitiram seus conhecimentos, sendo eles mesmos em sua postura frente à vida o maior ensinamento.

Ao Renato, por sua atenção, carinho, companheirismo, valiosa interlocução e por ser um de meus maiores incentivadores nesta jornada acadêmica.

À Laila pelo carinho, paciência e atenção na revisão deste trabalho.

Ao Beto por sua eterna disposição e amorosidade.

A todas as crianças que tive a oportunidade de ter como alunos em meu estágio, por terem sido minha inspiração e meus companheiros naquele momento importante de minha formação docente, sem eles nada disto seria possível.

*“A crise da educação não é uma crise a mais entre as muitas crises que temos, senão que a educação está no centro do problema. O mundo está em uma crise profunda porque não temos uma educação para a consciência. Temos uma educação que de certo modo está roubando às pessoas sua consciência, seu tempo e sua vida. O modelo de desenvolvimento econômico de hoje eclipsou o desenvolvimento da pessoa.”*

Claudio Naranjo

## **RESUMO**

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa na escola. Para isso, parte-se da experiência vivida em um período de estágio com uma turma de 6ª série de uma escola da rede pública da capital gaúcha. O objetivo é confrontar as teorias propostas nos PCN e a experiência em sala de aula, promovendo uma reflexão sobre a prática da interação em sala de aula e como esta tem papel fundamental no processo de ensino aprendizagem. Também apresenta-se o uso da tecnologia como ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa, utilizando o computador no intuito de aproximar as práticas sociais dos alunos ao conteúdo da sala de aula, com a proposta de ampliar a visão de língua e mundo dos estudantes.

**Palavras-chave:** ensino, Língua Portuguesa, interação, computador

## **RESUMEN**

Este trabajo propone una reflexión sobre la enseñanza del portugués en la escuela. Para ello, se parte de la experiencia en un periodo de estadio en una clase de sexto grado en una escuela pública en la capital del estado. El objetivo es hacer frente a las teorías propuestas en el PCN y la experiencia en el clase, promover la reflexión sobre la práctica de la interacción en el aula y cómo esto juega un papel fundamental en el proceso de enseñanza y aprendizaje. También se muestra el uso de la tecnología como una herramienta para la enseñanza de la lengua portuguesa, utilizando la computadora con el fin de aproximar las prácticas sociales de los estudiantes con el contenido de la clase, con la propuesta de ampliar en los estudiantes su visión del lenguaje y del mundo.

**Palabras clave:** enseñanza, Lengua Portuguesa, interacción, computadora

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. CONSTRUÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>11</b>
1.1. Palavras Iniciais.....	11
1.2. Pensando o Projeto.....	12
1.3. O Contexto.....	13
<b>2. AS IMPLICAÇÕES DA ESCRITA VIRTUAL.....</b>	<b>19</b>
2.1. O uso da internet.....	19
2.2. <i>Blog</i> , o texto interativo.....	20
2.3. As condições de produção da escrita dos <i>blogs</i> .....	24
2.4. Ampliando a proposta.....	26
<b>3. O PROJETO NA PRÁTICA.....</b>	<b>30</b>
3.1. Encontrando os alunos.....	30
3.2. Trabalhando em grupo.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>

### ANEXOS

**Anexo A**

**Anexo B**

**Anexo C**

**Anexo D**

**Anexo E**



## INTRODUÇÃO

Em 2003, decidi voltar a estudar formalmente e, quase vinte anos depois de acabada a escola, me colocar novamente na condição de aluna. Optar pela licenciatura em letras não foi difícil. Sempre gostei de ler, um hábito, sem dúvida, adquirido em família, e de escrever. O fascínio pelos idiomas vem da infância quando, observando meus avós conversando em alemão, eu e meus irmãos tentávamos entender o diálogo, desvendando gestos e expressões. A opção pela ênfase no Espanhol foi decorrente de meu interesse pela literatura hispano-americana e pelo domínio do idioma que tive a oportunidade de desenvolver viajando. O fato de ser uma licenciatura foi mais um atrativo. Desde a adolescência leciono aulas de dança e sempre vi a tarefa de ensinar como um trabalho delicado e prazeroso. Creio que hoje resumiria esse encantamento citando a afirmação de Jennifer Nias: “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor” (NIAS, 1991, **apud** Nóvoa, 1992, p.15). Esta afirmação faz parte de meu entendimento, quando reflito sobre a profissão de professor e sobre o ato de ministrar aulas. Creio que não se trata de assumir uma função-professor, mas de ser um sujeito-professor.

Isto implica em construir uma identidade profissional a partir da busca constante pelo autoconhecimento e pela capacidade de refletir criticamente sobre o próprio percurso de formação e atuação e, neste caminho, estabelecer o intercâmbio com o aluno, como o principal campo de experimentação da relação entre as dimensões pessoais e profissionais. Uma profissão que tem a relação humana como cerne na busca do bom exercício do ofício, já na época me parecia um fator estimulante.

Além desses aspectos de caráter pessoal, várias questões relativas ao ensino foram se apresentando, no decorrer de minha formação. Já no início do curso percebi, com o proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que muito havia mudado no foco da Educação com o surgimento de uma nova pedagogia, que valoriza o indivíduo como ser livre, ativo e social:

O centro da atividade escolar não é o professor nem os conteúdos disciplinares, mas sim o aluno, como ser ativo e

curioso. O mais importante não é o ensino, mas o processo de aprendizagem. Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que a atitude de aprendizagem parte do interesse dos alunos, que, por sua vez, aprendem fundamentalmente pela experiência, pelo que descobrem por si mesmos (1998, p. 31).

Segundo os PCN (1997), a Educação Fundamental se propõe a formar alunos capazes de desenvolverem a competência reflexiva e o juízo crítico, de se expressarem criativamente, de utilizarem a experimentação como um caminho para a investigação, ou seja, o aluno deve aprender a aprender, para construir sua individualidade no marco de sua integração social.

Faraco e Castro, em artigo sobre como orientar o trabalho com a língua portuguesa na escola, retomam essa discussão somando a ela a perspectiva dos linguistas:

A crítica básica e fundamental dos lingüistas ao ensino tradicional recaiu sobre o caráter excessivamente normativo do trabalho com a linguagem nas escolas brasileiras. Segundo essa crítica, as nossas escolas, além de desconsiderarem a realidade multifacetada da língua, colocaram de forma desproporcional a transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais como o objeto nuclear de estudo, confundindo, em conseqüência, ensino de língua com o ensino de gramática (1999, p.181).

Para esses autores, aspectos relevantes do ensino da língua materna, como a leitura e a produção de textos, acabaram sendo deixados de lado. Em sua visão, o objeto de estudo privilegiado no ensino de linguagem, ao abandonarmos o formalismo gramatical, deve ser *o texto*, na medida em que ele é, de fato, a manifestação viva da linguagem. Nesse sentido, até mesmo o ensino dos aspectos normativos estaria subordinado ao trabalho com o texto, isto é, as regras gramaticais não seriam mais ensinadas por meio de frases soltas, abstraídas de contexto, e sim na perspectiva de sua funcionalidade textual.

Mas como, na prática, se dá o ensino-aprendizagem? Como se comunicam mestres e alunos? O que a educação projeta é o que realmente produz? E, focalizando

em minha área de interesse, como esta nova escola encara o ensino de Língua Portuguesa? Eu teria oportunidade de refletir sobre essas questões e muitas outras durante o curso de Letras e, principalmente, durante os estágios, obrigatórios para quem quer abraçar a tarefa de lecionar. Neste trabalho proponho analisar e refletir sobre o processo que vivenciei na realização do Estágio de Docência em Português I, concretizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz, em 2009.

No **Capítulo I**, apresento a construção do Projeto de Estágio de Docência em Português I. Inicialmente, tendo em vista o trabalho de reflexão a que me proponho, retomo suas etapas iniciais, isto é, o período em que precisava optar por metodologias, temas, textos e programas.

No **Capítulo II**, discuto alguns aspectos relativos à escrita virtual, ao uso do computador em sala de aula e ao novo tipo de relação que se estabelece, entre professor e aluno/ensino e aprendizagem, a partir desta tecnologia.

E, finalizando, no **Capítulo III**, apresento o desenvolvimento do projeto na prática, seguido das **Considerações Finais**.

## 1. A CONSTRUÇÃO DO PROJETO

### 1.1. Palavras iniciais

Voltar à condição de aluna, agora como graduanda, foi muito instigante, poder estar em sala de aula totalmente disponível e aberta para novos conhecimentos, pelo simples prazer de estudar. Nada parecido com o período escolar onde as recordações eram de conteúdos a vencer, metas a cumprir e satisfações a dar aos professores e aos familiares. Sempre me considerei uma boa aluna, organizada, comprometida e responsável. Porém, também sempre me pareceu que passava muito tempo na escola envolvida em tarefas que traziam pouco prazer e que me distanciavam da realidade.

Minha realidade naquele tempo era uma forte ligação com o mundo da Arte. Eu convivia com artistas e via nas atitudes de meu Mestre<sup>1</sup> de dança uma aura de dedicação e amor ao ofício. Ele acreditava que os estudos artísticos desenvolviam o sentido estético, atingiam o espírito, formavam o caráter, tendo, portanto, influência na formação da personalidade. Neste ambiente sociocultural eu ouvia os relatos e histórias de meu professor e simultaneamente aprendia o ofício do bailarino. Nós, alunas, tínhamos o professor Rolla (Seu Rolla, assim o chamávamos) como uma referência, um professor que exigia disciplina, mas que abria espaço para a amorosidade e interagia com cada aluno de forma singular. Ter frequentado esta escola de dança, sem dúvida, foi uma das minhas mais fortes influências na infância.

Dividida entre dois mundos, de um lado frequentava a escola de dança com respeito e admiração pelo professor, o que me levava a nunca faltar às classes e a estar sempre atenta às palavras dele; de outro, cursava a escola regular, repleta de regras pré-estabelecidas, cujo objetivo maior parecia ser obter conceitos em um processo de ensino-aprendizagem composto de uniformidade, rotina, e fixação do conhecimento pela memorização e repetição.

---

<sup>1</sup> Mestre João Luiz Rolla foi um dos precursores na dança no RS e manteve sua escola em Porto Alegre durante 35 anos, maior parte deste período no Auditório Araújo Vianna.

No momento em que fazia planos para o estágio, estas memórias insistentemente voltavam trazendo *insights* significativos para o trabalho.

## 1.2. Pensando o Projeto

Durante a preparação para o estágio, no chamado período de observação, no qual os aspirantes frequentam a escola por vários dias para assistir às aulas da turma com a qual farão o trabalho, uma particularidade se evidenciou: a dificuldade de comunicação em classe. A aula transcorria de forma caótica. A professora perguntava aos alunos sobre o conteúdo trabalhado anteriormente, ou no último encontro, não com o intuito de verificar o aprendizado dos alunos, mas para saber o que deveria fazer naquele dia, refletindo a inexistência de qualquer planejamento das aulas. Os alunos, desatentos, dialogavam sobre qualquer assunto a todo o momento, inclusive em conversas que cruzavam a sala e por isso eram feitas aos gritos. Havia alunos que, despreocupadamente, ouviam música ou brincavam com seus celulares, e ainda outros que dormiam placidamente debruçados sobre a mesa.

O quadro era desolador, de um lado os alunos externando seu descaso com a aula e do outro, a professora impondo cegamente uma rotina de aula ineficaz que obedecia a um modelo nitidamente impróprio. Na prática, não havia interação. Mais parecia que naquela turma uma batalha era travada a cada aula de português. Evidentemente, um tipo de guerra que não produziria vencedores.

Percebi que o primeiro desafio do estágio seria estabelecer um novo território naquela sala. Como sabido, a presença física por si só não caracteriza a interação que pressupõe envolvimento e participação dos indivíduos. Era imprescindível criar um espaço de diálogo para que aquelas crianças se escutassem. Assim, decidi que essa escuta seria a premissa fundamental em nossa relação professor-aluno.

Nesse momento, trazia sempre em mente a ideia posta nos PCN (1998, p.24), e com a qual frequentemente me deparava em vários textos de outros autores: “Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e lingüística para comunicar-se em interações {sic} que envolvem relações sociais de seu dia-a-dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar.” Partindo deste pressuposto,

entendo que a principal tarefa do educador de Língua Portuguesa é trabalhar novas formas de comunicação oral e escrita.

Em minha visão, aprimorar a competência de comunicação daqueles estudantes significaria necessariamente levá-los a expressar sua subjetividade, a expor suas experiências e a socializar suas visões de mundo de uma forma mais organizada e efetiva. Qualquer trabalho desenvolvido naquela turma deveria obrigatoriamente subsidiar a resolução dos problemas de comunicação que ocorriam em classe, oferecendo a possibilidade de novos usos e novas formas da língua. Estabelecer uma situação comunicativa mais profunda e enriquecedora em sala de aula foi o mote deste projeto de estágio. Assumidamente, nesse exercício, o processo teria a mesma importância que o produto.

Primeiramente, seria necessário conquistar a confiança dos alunos, base para o desenvolvimento do trabalho. Depois disso, assumir em comum acordo a tarefa de produzir e gerenciar um ambiente de participação, interação e colaboração em sala de aula. Nesse contexto, estariam criadas as condições para exercitar a leitura e a escrita – pensando, sentindo e refletindo – e também trazer implicitamente o estudo do uso da linguagem e de suas estruturas. Durante o estágio, assumindo a posição de professora de Língua Portuguesa, eu teria que aplicar as teorias estudadas no curso de Licenciatura e, ao mesmo tempo, buscar, nas experiências de ensino e aprendizagem adquiridas vivencialmente em meus anos de estudante, uma forma de atuar que me aproximasse dos alunos.

A tarefa se mostrava desafiadora e muito estimulante. A seguir passo a delinear, de forma mais objetiva, as etapas percorridas para a consecução do projeto de estágio.

### **1.3. O contexto**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz, localizada no bairro Cidade Baixa, foi receptiva ao meu pedido por estágio. Trata-se de uma das escolas centrais conhecidas como “escola corredor”. Este tipo de escola recebe esta classificação por ser frequentada por crianças provenientes de famílias de baixa renda,

que vivem na periferia e são levadas pelos pais até a escola quando estes se deslocam para o trabalho, na área central da cidade. A escola também recebe, ainda que em menor número, crianças que moram nos arredores ou no próprio bairro, e adolescentes que já passaram por várias outras instituições sem alcançar resultados satisfatórios, os intitulados “alunos problema”. A prática foi realizada com uma sexta série, composta por 26 alunos com idade entre 11 e 16 anos.

Durante a série de visitas ao colégio, a fim de conhecer os alunos e o ambiente em que se encontravam, fui tomando notas das impressões e de pequenos incidentes que percebia. Durante alguns recreios ficava sentada em qualquer banco do pátio, no intuito de observar as crianças. Notei que algumas provinham realmente de famílias de baixa renda, pois ainda que fizesse muito frio, vestiam poucas e surradas roupas. De fato, em minha turma, eu teria por aluna uma menina que morava na Vila dos Papeleiros e que em um texto relataria um dos incêndios na Vila, que consumiu sua casa. Essa mesma aluna foi motivo de escárnio da professora-titular durante um Conselho de Classe a que assisti. Ela era aluna com notas altíssimas em Língua Inglesa e isso parecia hilário à professora que imaginava, rindo e em voz alta, onde a “menina papeleira” usaria tal habilidade.

Este foi sem dúvida um dos episódios mais impressionantes que presenciei na escola – o Conselho de Classe. Aconteceu já ao final de meu estágio, mas aquele evento esclareceu muitas das dificuldades que haviam ocorrido durante a prática. Nas intervenções dos professores pude apreender que a escola funcionava tal como descreveu Luiz Percival Leme Brito:

(...) um modelo de escola anacrônico onde o paradigma de educação disciplinar e informativa está em absoluto descompasso com os modos de organização social e de produção, circulação do conhecimento, e de concepção de constituição da subjetividade e integridade individual e coletiva contemporâneos (2007, p. 58).

Não posso imaginar descompasso maior do que o presenciado na escola Leopolda Barnewitz. Creio, no entanto, ser importante destacar três questões que, para mim, são sintomas da falta de planejamento e de gestão da escola, que ficaram latentes naquele Conselho de Classe. Primeiro a percepção de que todos os

professores da escola atribuíam o problema de aprendizado unicamente ao aluno. Em nenhum momento, durante a avaliação de desempenho dos estudantes, qualquer docente reconheceu ou sequer cogitou a possibilidade de que seu conteúdo ou método de trabalho pudesse ser o problema ou necessitasse ser reavaliado ou reformulado.

Em segundo lugar, o não reconhecimento por parte da direção da escola das constantes reduções e alterações no horário das aulas. Como os alunos, eu tomava conhecimento já em sala do novo horário do dia, muitas vezes reformulado na última hora pela ausência de algum professor. Para ser exata, não houve uma semana inteira de aulas durante meus dois meses de trabalho naquela escola. Fator, a meu ver, imensamente nocivo não só ao andamento de qualquer trabalho, mas principalmente prejudicial à formação das crianças. A escola em lugar de assumir o papel de um importante referencial de organização e disciplina, qualidades tão necessárias ao estudante, era mais um polo gerador de instabilidade, constante e habitual.

Por fim, a falta de objetividade nas avaliações, detectada quando os professores, ao descreverem a atuação dos alunos, utilizavam adjetivos como “chato”, “querido”, “nojento” ou “coitadinho”. Nesse momento pensei em como seria saudável a proximidade e o comprometimento de pais e alunos, se não participando daquela reunião, pelo menos tendo acesso a um registro daquelas avaliações, em nome de maior transparência e de responsabilidade no processo.

Mas muito aconteceu antes deste esclarecedor Conselho de Classe e retomo o relato da preparação de meu projeto de estágio. Como contava, eu tentava sentir o ambiente da escola e, para tanto, além de assistir às aulas de Português, percorria os corredores a fim de espiar de passagem para dentro das salas.

O evento de uma professora de matemática batendo com a caixa de giz na mesa descontroladamente e gritando por silêncio, em uma turma de oitava série, provocou um *flashback* de meus tempos de estudante, quando os professores mais histéricos perdiam rapidamente o respeito da turma. Talvez porque as crianças intuitivamente saibam que o ato de gritar por silêncio tem algo de insólito e portanto não pode ser considerado seriamente.



Aquela parecia uma escola das mais convencionais, totalmente focada na aprendizagem de conteúdos, com alunos executando tarefas e repetindo informações recebidas. Com um modelo baseado na hierarquia, eu via em sala de aula o professor que manda e o aluno que obedece sistematicamente e aguarda novas instruções. Uma situação pouco motivadora e por isso bastante delicada, mas que se sustentava naquela escola como se houvesse um acordo secreto entre os envolvidos: uns atuando como se ensinassem e outros como se aprendessem. Todos, naquele contexto, alunos, professores, coordenadores e diretor atuavam passivamente para manter em funcionamento um sistema educativo que se limitava a seguir lógicas administrativas e regulações burocráticas, uma realidade escolar que carece de coerência e clareza nos objetivos.

Talvez esse seja o grande desafio para os docentes nos dias que seguem: assumir a responsabilidade por seu próprio desenvolvimento profissional, experimentar, inovar, ensaiar novos modos de trabalho pedagógico e a partir dessas experiências propor mudanças nas instituições em que trabalham. Assumir o papel de protagonista na implementação das políticas educativas, uma vez que ele, professor, é o agente principal na educação formal do cidadão.

Ao avaliar a estrutura disponível para realizar o estágio (procurava na escola uma forma de inovar nas aulas, lembrando meu tempo de estudante e as tediosas aulas de português), percebi que teria condições de utilizar a internet, pois encontrei no Leopolda um laboratório de informática praticamente novo e muito pouco utilizado. A professora responsável pelo espaço me explicou que a sala ficava quase todo o tempo fechada e que os alunos usavam os computadores raramente, quando algum professor decidia fazer uma pesquisa com consulta na rede. Os alunos não tinham acesso aos computadores a não ser durante o período de aula com a presença do professor, segundo esta professora, uma medida para poupar as máquinas de problemas técnicos e desgastes.

Como pude constatar depois, além desses cuidados desmedidos, existiam outros motivos. Os educadores, a começar pela professora responsável pelo laboratório, tinham pouco ou nenhum conhecimento de informática e não conseguiam responder às demandas dos alunos ou ajudar nos procedimentos de uso. Acredito que

esse fato faz parte de nossa realidade. Muitos dos atuais professores não cresceram com a tecnologia, encontrando assim barreiras geracionais para lidar com algumas situações. Imagino que, com o passar dos anos, esse problema tenda a desaparecer, pois as pessoas já terão nascido na era da informática. A tecnologia não só fará parte de sua formação, como também de sua vida.

Essa relação do ensino com a tecnologia da informação é relativamente nova, mas esse fato não deve ser usado como desculpa para eximir o professor do trabalho com essas novas ferramentas. Ao contrário, talvez esta seja a hora ideal para o professor se permitir aprender com o aluno e começar a mudar a visão clássica de que o professor sabe tudo e é o detentor do conhecimento. Vejamos, a esse respeito, o que diz o professor José Manuel Morán, sobre a resistência às novas tecnologias por parte do professor:

(...) o professor, desde que surgiu o livro, sempre teve um pouco de receio de que o aluno aprendesse outras versões além da dele. Só que hoje você tem muitas outras formas de informações em qualquer mídia, e a Internet agrava ainda mais a sensação de que o aluno pode encontrar informações que o professor não tem. Para o professor inseguro, é uma espécie de desafio encontrar uma prática que não seja a do controle. A tentação desse tipo de professor é fechar em cima de uma única versão. O professor mais maduro trabalha com múltiplas visões, tentando relativizar nosso conhecimento, mostrando que estamos construindo algo que é provisório. A nossa visão agora é esta: eu aprendo com o que o outro me traz. Essa visão é muito mais tranqüila. É a aceitação de que eu não sou onipotente, que não tenho respostas para tudo, não sou enciclopédia. Eu aprendo melhor reconhecendo a minha ignorância (MORAN, 2010).

Frente a essa mudança de paradigma, que põe em confronto o conhecimento do professor com aquilo que os alunos descobrem em outros lugares, o professor, de certa forma, sente que perde o seu lugar, podendo sentir-se desprestigiado. A meu ver o professor tem desconsiderado o que esse novo contexto pode trazer de benefícios. Esquece-se o professor de que o trabalho com as novas tecnologias favorece o comprometimento do aluno com sua própria aprendizagem, desenvolvendo uma maior autonomia, já que não é necessário ficar esperando pelo professor. A partir disso, vislumbrei a possibilidade de um projeto que, utilizando o computador,

suscitasse nas crianças o interesse por encontrar distintas maneiras de se expressar e de interagir com o mundo. Um projeto no qual, através do uso da internet, as crianças pudessem aprender novas habilidades valorizadas no mundo contemporâneo, explorando essa ferramenta que expandiu consideravelmente as diferentes formas de comunicação e de uso da linguagem. Esse objetivo é pontuado no texto dos PCN:

Desde a construção dos primeiros computadores, na metade deste século, novas relações entre conhecimento e trabalho começaram a ser delineadas. Um de seus efeitos é a exigência de um reequacionamento do papel da educação no mundo contemporâneo, que coloca para a escola um horizonte mais amplo e diversificado do que aquele que, até poucas décadas atrás, orientava a concepção e construção dos projetos educacionais. Não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. Essas novas relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, “aprender a aprender” (1997, p.27).

Simultaneamente ao desenvolvimento de um projeto com esse substrato, a escola teria a possibilidade de perceber a utilidade e a funcionalidade que pode ter um laboratório de informática: entrever uma forma de abrir-se para o mundo, divulgar e expor seus projetos e suas práticas, promover trocas entre professores e alunos. Estimulando os professores a uma aproximação com as novas mídias e a riqueza de recursos que a internet oferece, surgiria a chance de a instituição poder assumir novo papel frente à comunidade. A escola poderia passar a ser vista como lugar de aprendizado contínuo, de inovação, de estímulo à interação. O aluno e o professor estimulados a fazer parte de um espaço virtual de referência que disponibiliza o que é feito em sala de aula, libertando-a do espaço e do tempo físico.

A seguir apresento alguns dados sobre o desenvolvimento da internet e seu uso no ambiente escolar.

## 2. AS IMPLICAÇÕES DA ESCRITA VIRTUAL

### 2.1. O uso da internet

A internet originalmente era utilizada para trocas de informações entre grandes laboratórios de pesquisa, mas a partir da criação da WEB (World Wide Web) ela se popularizou, pois esse sistema tornou possível a *navegação* a usuários sem grandes conhecimentos de informática. Com as soluções proporcionadas pela WEB, em apenas 5 anos 50 milhões de pessoas utilizavam o computador com os novos recursos de comunicação como o *e-mail*. Atualmente já são mais de 900 milhões de *internautas* no mundo.

Característica interessante é que na internet a recepção da escrita pode ser simultânea a sua produção e esta condição de temporalidade interfere na forma de escrever, pela necessidade da reação em tempo real. Existe uma primazia de estratégias orais se sobrepondo a estratégias escritas, mas com um formato muito mais complexo do que o simples ato de *falar por escrito* como afirma Marcurschi (2005).

Possivelmente um mergulho em um mundo novo, não palpável e com recursos infindáveis – o mundo virtual – despertasse o interesse daquelas crianças levando-as à reflexão sobre o uso da linguagem. Os alunos não só teriam a oportunidade de compreender que a linguagem constitui o indivíduo em sociedade, como também que deve haver responsabilidade no exercício da escrita e da oralidade. Enfim, seriam levados a perceber que o homem se define através da palavra e que o uso da linguagem não é uma faculdade ou ferramenta, mas parte de sua própria constituição.

Nossa aula de língua assumiria a caracterização que Joaquim Fonseca indica. Para o autor português, a aula de língua materna deveria privilegiar uma base essencialmente linguística, voltada para

(...) uma preparação do aluno para a produção ágil de seus discursos e para a avaliação crítica dos discursos alheios – no que se conseguirá que ele obtenha uma maior eficácia na atuação social, um maior sucesso na descoberta de si mesmo

e na sua intervenção na prática social (**apud** MARCUSCHI, 2008, p.56).

Outro aspecto importante é que as crianças de hoje vivem em um contexto sociocultural que valoriza o indivíduo informado. Além disso, o uso da internet disponibiliza o acesso às mais variadas informações que se proliferam vertiginosamente, em todas as áreas. Porém, acessar a este enorme banco de dados virtual cria o problema de como gerenciar essa grande quantidade de informação com qualidade. O internauta acaba dedicando grande parte do seu tempo a buscar informação, sempre preocupado em não estar suficientemente informado.

Nesse movimento, ele negligencia sua capacidade de “experienciar”, pois dá como sabidas muitas coisas que na verdade são informações acumuladas. Sua capacidade de avaliar ou de refletir com maior profundidade sobre qualquer assunto acaba sendo amortecida, alimentando a superficialidade que prioriza a quantidade em detrimento da qualidade. Nesse momento, o papel do professor é fundamental ao indicar que a língua não somente reproduz ou representa ideias ou, ainda, atua simplesmente como um veículo de informação, mas que sua função principal “é inserir os indivíduos em contextos sócio históricos e permitir que se entendam, um trabalho que se desenvolve colaborativamente entre os indivíduos na sociedade” (MARCUSCHI, 2005, p. 67).

Na sequência trato do uso do *blog* como instrumento para o estudo da Língua Portuguesa.

## **2.2. *Blog*, o texto interativo**

Percebi a ocasião de poder proporcionar uma nova experiência para aquelas crianças, a possibilidade de uma interação sem fronteiras, através de um projeto com o uso da tecnologia digital que pudesse levá-los a uma maior compreensão da realidade. Nesse sentido, decidi que no projeto de estágio utilizaria o laboratório de informática para a criação de algum tipo de *home page*. Que melhor estímulo poderia haver para refletir sobre o código linguístico e exercitar seu uso do que a necessidade de comunicar-se e expressar-se por escrito? Acrescida da idéia de os alunos tornarem

suas ideias e textos disponíveis, divulgando-os na WEB, conferindo uma dimensão mais significativa aos trabalhos. Ter um propósito com a escrita e a suposição de possíveis leitores são premissas básicas e necessárias para que o professor trabalhe a produção de um texto em sala de aula.

A criação de páginas pessoais é algo trivial no Brasil, pois existem muitos *sites* que ensinam como fazer e que promovem a construção de páginas pessoais como *blogs*, *sites*, *twitter* ... de maneira gratuita.

Minhas tarefas seriam: transmitir aos alunos meus conhecimentos da ferramenta, estimular aquelas crianças a aprimorarem o uso da língua materna e principalmente a cultivarem a arte do encontro. Desenvolver a interatividade, a linguagem colaborativa e a criatividade proporcionando a experiência de uma aula de português na qual escutar aos outros, olhar detalhadamente, desenvolver a atenção, falar sobre o que nos acontece, ser paciente e solicitar ajuda seriam fundamentais. Também, provavelmente, o anseio de dominar a gramática e a ortografia surgisse em um contexto de elaboração de textos pessoais que tivessem por objetivo a publicação.

Essa seria uma genuína nova experiência para as crianças e exigiria os atributos que, a meu ver, fazem parte da condição de aluno em sala de aula: disponibilidade, receptividade e participação. Utilizando o computador e ao mesmo tempo aprendendo a manejá-lo, o aluno ganharia autonomia na busca de informação. Processando a informação disponível na realidade imediata, por si mesmo e em colaboração com seus companheiros, as crianças estariam sendo preparadas para atuar com maior independência. Isso possivelmente suscitaria uma reflexão por parte do aluno de sua posição de agente em seu processo de educação. Independentemente dos resultados que lográssemos, o processo em si resultaria em um novo saber.

Por outro lado, a escola, promovendo experiências autênticas dos novos usos da linguagem na internet, assumindo os recentes avanços da ciência, reafirmaria seu papel ao incentivar o desenvolvimento do potencial dos alunos: educar para uma cultura do compartilhar, utilizar a motivação como o ingrediente essencial da atenção, da memória e da aprendizagem.

Ponderando sobre como desenvolver o projeto e qual seria o espaço de circulação e suporte do texto, foi se cristalizando uma alternativa excelente: a construção de um *blog*. Segundo Miller (2012, p. 69), os primeiros *blogs* foram criados, no final da década de 90, como um modo de compartilhar informações de interesse. Possuíam três características primárias: eram cronologicamente organizados, continham *links* para *sites* de interesse na internet e ofereciam comentários acerca dos *links*. Em 1999, uma série de portais de *blogs* foi lançada, todos oferecendo ferramentas de edição fáceis de usar, que não requeriam qualquer experiência em linguagem de programação. Eu estava familiarizada com esta linguagem, tínhamos um laboratório de informática disponível e havia um aliado importante: o inerente interesse das crianças pelo novo. O *blog*, assim como outras ferramentas de comunicação virtual, mesmo sendo um belo instrumento de informação, ainda é pouco utilizado por educadores no país (tanto nas redes públicas como na privada), salvo para aqueles que trabalham com tecnologia educacional.

Outra característica importante é que, diferentemente dos cadernos escolares que têm um só leitor, o professor, o *blog* permite que os alunos se comuniquem entre si e com o mundo por meio da palavra escrita, tornando públicos seus textos, se assim for sua vontade. Isso me traz à lembrança uma professora de Português que tive na escola. Ela nos cobrava diariamente uma redação com tema livre e recolhia os cadernos toda sexta-feira para controlar nossa produção textual. A certeza de que somente ela leria os textos era proporcional à desconfiança de que não teria tempo para tanto. Teoria comprovada por vários colegas que escreviam somente uma pequena introdução de história logo seguida por parágrafos totalmente sem nexo, tendo como único cuidado preencher o número de linhas mínimo solicitado.

Lembro-me das várias vezes em que, sem inspiração alguma, fiz o mesmo. Nunca ouvimos da parte dela qualquer comentário sobre isso e tampouco recebíamos qualquer anotação nas redações, só um visto. Muito provavelmente porque a professora nunca lera qualquer texto e utilizava essa tarefa como simples procedimento metodológico para nos fazer escrever. Ela simplesmente ignorava a importância do interlocutor e do papel do professor neste processo de produção da escrita, qual seja, o de ser “um propiciador e facilitador da reflexão, na medida em

que permite que o redator (aluno) seja exposto à interpretação do outro, passando a compreender melhor como seu discurso está sendo lido e de que forma essa leitura foi construída (SUASSUNA, 2011, p. 119). Isso sem falar na reescritura, que poderia ser sugerida a partir de questionamentos de problemas encontrados no texto, levando em consideração o primeiro propósito da escrita, que, ainda de acordo com a autora, é a interação/intercompreensão.

De acordo com os PCN, durante os anos 70, proliferou o que se chamou de “tecnicismo educacional”, inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, que definia uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes. O documento porém, também apresenta uma nova concepção de ensino e aprendizagem:

(...) nada pode substituir a atuação do próprio aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos da aprendizagem. É ele quem vai modificar, enriquecer e, portanto, construir novos e mais potentes instrumentos de ação e interpretação. Conceber o processo de aprendizagem como propriedade do sujeito implica valorizar o papel determinante da interação com o meio social e, particularmente, com a escola. Situações escolares de ensino e aprendizagem são situações comunicativas, nas quais os alunos e professores co-participam, ambos com uma influência decisiva para o êxito do processo. (1998, p.72).

No mundo virtual, bem ao contrário do que propiciava a escola nos anos 70, a interação é fundamental e o professor é levado a deixar a atitude de quem ensina e instrui, passando a assumir uma postura de educador que provoca a inteligência coletiva dos estudantes, levando-os à construção da aprendizagem. A este professor cabe a tarefa de organizar e orientar, nunca impor, sempre visando à cooperação e à colaboração na interação. De posse dessa ideia, a de atuar frente aos alunos mais como um mediador do que como um transmissor de conhecimentos, passei a construir o Projeto.

No próximo item, apresento algumas características que favorecem o trabalho com a produção da escrita nos *blogs*.



### 2.3. As condições de produção da escrita dos *blogs*

A noção de *condições de produção*, oriunda da psicologia social, foi reelaborada pela Análise do Discurso de origem francesa, com Pêcheux (1969), e tem sido utilizada para indicar não apenas os participantes do discurso (quem fala o que, para quem) como também os elementos materiais e institucionais que nele atuam. Assim, por exemplo, é importante para entender o(s) sentido(s) do discurso/texto o reconhecimento de que quando se fala (escreve) estamos nos dirigindo a alguém e que isso é decisivo para a nossa produção verbal. Segundo Geraldi (1997, p.72),

“evidentemente, os diferentes lugares sociais ocupados pelos sujeitos e as diferentes instituições em que as interações ocorrem são determinantes do trabalho executado pelos sujeitos na produção de seus discursos”.

Geraldi (1997, p.137) apresenta também uma distinção entre a *produção textual* e a *redação*. Para o autor, a redação é feita *para a* escola, e a produção textual é feita *na* escola. A seguir reproduzo as premissas que devem nortear a produção textual:

- a) que se tenha o que dizer;
- b) que se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) que se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) que o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) que se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Ora, que o ensino da língua deva dar-se através de textos hoje é um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados. Sabidamente, essa é, também, uma prática comum na escola e a orientação central dos PCN. A questão não reside no consenso ou na aceitação desse postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que são muitas as formas de se trabalhar textos (MARCUSCHI, 2005, p. 51).

Aprofundando a busca pelos aspectos positivos no uso de *blogs* no ambiente escolar encontrei características muito instigantes. Ao apresentarem espaços limitados, os *blogs* obrigam os usuários a condensarem seus textos e a demonstrarem

como *pensam* enquanto trabalham como escritores. É nesse momento que se pode pensar o *blog* como instrumento importante para a produção textual, pois ao determinar certas condições, faz com que o escritor busque novas formas de escrita, favorecendo a atividade de reescrita.

Também os recursos oferecidos como os *links*, a distribuição instantânea, a indexação e busca, a interatividade e uma configuração específica tornam o *blog* distinto de outras mídias na internet. Nos *blogs*, se exige precisão na comunicação de ideias e os comentários estimulam o compartilhamento e a revisão por parte dos leitores e dos escritores dando início a um processo de comunicação interativa. Um *blog* proporciona a oportunidade de discutir temas de sala de aula, complementando-os, pensando sobre o assunto, fazendo com que o tema da aula ganhe mais tempo e espaço para discussão e aprofundamento, o que induz a uma maior participação de todos os estudantes.

Procurando inspiração em trabalhos similares já desenvolvidos, encontrei um texto que reforçou a atualidade e a necessidade do projeto:

Vivemos em uma nova era. Uma nova era com a consolidação da internet como um grande repositório de dados e agente transformador de processos e meios de comunicação.

Uma nova era dentro da própria internet, que, por ser global e encurtadora de distâncias, viabilizou a contribuição, opinião e inteligência em massa.

Uma nova era em que o mercado e as pessoas passaram a gostar de interagir, opinar, participar e ajudar.

Uma nova era de constante formação de opinião, reforçada pelo lançamento de websites que potencializam ainda mais a voz das pessoas. A Era dos Blogs (CIPRIANE, 2006).

A construção do blog da turma seria certamente um motivo para que os alunos pesquisassem, assumissem posições críticas, produzissem textos e, principalmente, socializassem seus escritos participando de uma construção coletiva. A publicação de seus próprios textos fomentaria o interesse por trocar impressões e informações com outros leitores, pois à medida que um sujeito expõe, em um blog, suas ideias, abre-se espaço para que o outro apreenda seu discurso, inclusive produzindo contra-discursos. Nesse espaço cada um inspira e influencia o outro e ao

mesmo tempo todos têm que fazer um esforço para escutar, se quiserem ser ouvidos, envolvendo-se em tarefas que marcam sucessivas reescrituras a que um texto é submetido até sua versão final.

#### **2.4. Ampliando a proposta**

Definido o formato, faltava determinar o conteúdo que seria trabalhado. Quais poderiam ser os temas pertinentes, interessantes e envolventes para aquelas crianças? Mestre Freire (1983) já ensinava que “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e, por isso, a leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquela”. Nesse sentido, entende-se que os alunos tenham mais vontade e prazer em produzir textos sobre assuntos com os quais se identifiquem, temas que façam parte de seu dia a dia. Tendo isso em vista, em um primeiro momento, pensei na construção de um *blog* da turma sobre a escola. A classe quando, em nossa primeira aula, tomou conhecimento desse plano, foi tremendamente receptiva ao projeto. Convivendo com as crianças e tomando consciência da realidade dentro de sala de aula, essa ideia foi amadurecendo e evoluiu em sua proposta, tornando o projeto ainda mais ousado e complexo.

Um dos grandes obstáculos à ideia de construir somente um *blog* da turma sobre a escola já havia se configurado nos primeiros contatos com a classe, ainda no período de observação. Eu havia notado que os alunos mais velhos exerciam certo fascínio permeado pelo medo nos pequenos. Os chamados “alunos problema” se mostravam insolentes e algumas vezes agressivos, tentavam, quase que permanentemente, instalar algum tipo de conflito na sala de aula e não perdiam a oportunidade de medir forças com a professora. Esta resumia sua postura a não tomar conhecimento das provocações, mas cobrava dos pequenos por sua desatenção, que na verdade era provocada pelos mais velhos.

Ainda tenho presente um dia de aula quando devolvi a um destes alunos com mais idade um dos seus primeiros escritos com a anotação de que não havia conseguido ler seu texto por causa do ilegível da letra empregada. O aluno quando leu meu comentário, em pé, no fundo da sala, em uma atitude claramente de confronto,

me disse em alta voz que seus pais conseguiam ler. Respondi então que eu adoraria poder ler também e que, caso fosse do interesse dele, eu poderia ajudar a tornar o texto legível, mas que se ele ficava satisfeito só com a leitura dos pais, para mim a questão estava encerrada. Esta postura desmobilizou o aluno passando para ele a responsabilidade por como proceder e de fato aquele foi o único texto escrito daquela forma, já que sua letra habitual nada tinha de sofrível para a leitura.

O fato é que aquela era uma sexta série extremamente heterogênea, havia estudantes de idades entre 11 e 16 anos e, por isso, com diferentes interesses e graus de maturidade. Essa situação, por si só, era um complicador em minha relação com os alunos, enquanto grupo, mas, dentro do laboratório de informática, essas diferenças poderiam interferir fortemente no andamento do projeto. Se tivéssemos um único *blog* com foco em um só assunto, provavelmente o grupo de estudantes mais experientes tentaria impor sua visão da escola e aos pequenos restaria lutar por seu espaço para se expressar ou simplesmente se omitir.

Devido ao número insuficiente de computadores, todos teriam que compartilhar as máquinas sentando em duplas ou trios e teríamos que manter o foco no projeto frente ao tempo limitado previsto para seu desenvolvimento. Encontrar uma maneira de neutralizar a influência dos estudantes maiores, mas ao mesmo tempo incentivar sua participação, se tornou essencial.

Além disso, no processo, seria importante fazer com que cada aluno se expusesse, confrontando suas dificuldades e fazendo dos colegas seus colaboradores, assumindo uma posição de vulnerabilidade e de risco. Cada estudante teria de passar por sua própria experiência, que sempre é singular, porém estando todos dentro da sala de aula, em um mesmo contexto, obviamente a troca de conhecimentos seria intensa, já que os graus de familiaridade com a computação eram diversos. Imaginei algum aluno mais novo explicando o uso do computador a um desses alunos com mais idade e fiquei em dúvida se tal situação se sustentaria por muito tempo. Tal atitude exigiria humildade e confiança, qualidades adormecidas em alunos repetentes, com baixa autoestima e certamente com problemas de convívio social.

A solução, então, foi o método de divisão do grupo em subgrupos. Estes poderiam ser organizados pelos próprios alunos a partir de afinidades e interesses e

cada um trabalharia de forma autônoma, criando seu próprio *blog*. Para evitar que os *blogs* fossem concorrentes, foi permitida a livre temática para cada grupo. Isso possibilitaria o aprofundamento no estudo dos temas escolhidos.

A divisão em grupos menores traria também outras vantagens: melhores condições para acompanhar mais de perto o envolvimento de cada aluno e maior facilidade na gestão do projeto, já que os sucessos e problemas encontrados em cada *blog* poderiam ser examinados, comentados e compartilhados com os outros grupos. Uma última situação teve que ser solucionada antes do início do trabalho. A professora responsável pelo laboratório de informática, já me havia confessado que não entendia muito de computação e que só era responsável pelo laboratório porque, por um problema auditivo, não podia mais trabalhar em sala de aula. Ela parecia muito aflita com minha proposta de ir todas as semanas, nas quartas-feiras, com toda turma para o laboratório. Mas ela não sabia que, na realidade, um período por semana no laboratório era muito pouco para a dimensão do projeto.

Após um primeiro levantamento era evidente que alguns alunos teriam dificuldades maiores pelo pouco contato com o mundo digital e a única forma de ajudá-los seria deixando-os mais à vontade com o computador. Para isso, a escola precisaria permitir aos alunos mais horas de uso na sala de informática. O ideal seria propor que as crianças pudessem usar os computadores em seu tempo livre, no contra turno da escola. Encontrei resistência da escola a esta proposta. De um lado, meu argumento era que a familiarização dos alunos com a linguagem do computador era essencial para o desenvolvimento do projeto. Por outro lado, o receio da direção era de que os alunos sozinhos frente ao computador pudessem se dispersar e perder o foco de suas pesquisas.

Certamente essa hipótese era bastante plausível. E, como nos lembra o Prof. José Manuel Morán (2010), a questão não é de simples solução. Muitas vezes, dependendo da fase que a criança atravessa, existe uma dificuldade de concentração além da inerente curiosidade e deslumbramento frente ao computador. O trabalho focado em um tema específico, hoje encontra dificuldades não só pelo uso da tecnologia ou pelo envolvimento do professor, mas pela pouca capacidade de concentração da criança frente a tantos estímulos.

Depois de algumas conversas com a direção da escola, me comprometi a fazer os alunos marcarem hora para frequentar a sala de informática e assegurei-lhes minha presença quando isto acontecesse, assumindo a responsabilidade de supervisionar o conteúdo acessado e de zelar pela integridade das máquinas.

Determinados os objetivos, os meios para a execução, a metodologia a ser aplicada, pode-se dizer que o projeto de estágio estava definido. O projeto A ERA DOS BLOGS tratava da construção de cinco *blogs* pela sexta série, turma 61, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz.

### 3. O PROJETO NA PRÁTICA

#### 3.1 Encontrando os alunos

Foi imensa a satisfação de ficar a sós com os alunos em classe, no primeiro dia de aula, sem a presença da professora titular. Neste momento, em que começaríamos o trabalho para concretizar o projeto A ERA DOS BLOGS, tínhamos nosso primeiro contato, eu assumindo o papel de professora de Português e as crianças, enquanto alunos da 6ª série. Muito possivelmente neste encontro se definiriam implicitamente as regras de nosso relacionamento, e a atmosfera na sala era uma mistura de curiosidade e de desconfiança. Todos os alunos em silêncio, aguardando.

Apresentei-me sucintamente e logo abri espaço para que os alunos pudessem fazer perguntas e assim satisfazer sua curiosidade, proporcionando uma primeira aproximação. As crianças começaram timidamente perguntando sobre meu propósito ali, o que eu fazia e por que. Mas à medida que foi se estabelecendo um diálogo natural, as perguntas avançaram para temas mais pessoais: se eu era casada, se tinha filhos, se gostava de dar aulas. A conversa foi ficando descontraída e os alunos mais relaxados. Quando finalmente um dos alunos perguntou o que nós estudaríamos, apresentou-se o momento ideal para direcionar o assunto para nosso projeto.

Comecei perguntando sobre o que esperavam aprender em nossas aulas e que utilidade tinha em suas vidas estudar português. Sondei-os a respeito de suas leituras, se gostavam de escrever, o que faziam em seu tempo livre e finalmente pude entrar na questão do uso do computador. Descobri que alguns não tinham computador em casa, uns poucos não tinham *e-mail*, mas todos de alguma forma tinham contato com esta tecnologia. O dado principal era que todos achavam importante acessar e aprender mais sobre a linguagem da informática.

Expus a eles a ideia de construir um *blog* da turma sobre a escola durante meu estágio, o que nos levaria a trabalhar parte do tempo na sala de informática. Neste momento, como comentei no capítulo anterior, ainda pensava ser esta a melhor forma de organizar o trabalho, um único *blog*.

A atenção da turma era total, estavam todos surpresos. Começamos a trocar ideias sobre o que seria este *blog* e qual a diferença deste para um *twitter* ou um *site*. Os alunos ficaram excitados com a ideia e a participação deles na conversa foi tremendamente interativa. Somente dois ou três alunos apresentaram certa resistência ao proposto, argumentando que preferiam ter a matéria no caderno e receber as notas por provas. Essa resistência, presumia eu, seria superada quando diante da máquina e suas possibilidades ilimitadas.

Para me inteirar de como os alunos escreviam, propus um trabalho para aquele primeiro dia, a escrita de um parágrafo intitulado *Quem Sou?* Esse texto já tinha por finalidade ser um *post* do *blog*, uma apresentação de cada autor da página.

Em casa lendo os textos de apresentação *Quem Sou?* detectei algumas dificuldades comuns das crianças, a falta de pontuação ou uso de letras maiúsculas tornavam os textos pouco claros. Também detectei problemas com a ortografia, dificuldades no uso dos tempos verbais e de concordância verbo-nominal.

Coloco abaixo alguns exemplos de textos escritos (e já digitados) pelas crianças:

#### TEXTO 01

*Me chamo Alexandra. Estudo na Leopolda Barnewitz, moro com a minha mãe que se chama Noeli ela é legal não nos entendemos as vezes mas é normal entre mãe e filha. Gosto de estudar (não muito mas gosto) estudo no meu colégio a um tempão. Gosto de brincar, me divertir, escutar música bem alta, gosto de sair, afinal gosto de muitas coisas.  
Quem conhece sabe!!!*

#### TEXTO 02

*Quem sou? meu nome é Aline tenho 11 anos,  
sou maluca, divertida, braba,  
e não gosto de pessoa duas caras!!*

#### TEXTO 03

*Sou a Daira tenho 13 anos estudo na escola Leopolda. Eu adoro jogar, sou uma pessoa que adora caminhar, sou muitas vezes chata, adoro escrever e estudar. Eu adoro meus amigos, conversar com eles e estar junto deles é o que eu mais gosto de fazer. Nome: Daira Souto Turma: 61*

#### TEXTO 04



*Meu nome é Pamela.tenho 14 anos eu sou uma menina que gosto de estudar. eu gost de dormi eu num gosto de limpar a casa mais tenhu que limpar eu gosto de faser comida eu tenhu uma cadela e eu gosto muito dela ela é minha bebezina*

#### TEXTO 05

*Bom eu me chamo bruno tenho 15 anos sou um menino muito chato. Bom adoro folgar nos outrus e tambem sou muito estudioso e amo jogar bola sou um moreno que adora pegar as gurias de jeito*

#### TEXTO 06

*meu nome é kevin estudo na escola Leopolda Barnewitz tenho 11 anos sou baixinho, leogal,falador,que gosta de bater cartinhas e colorado*

Dentre outros aspectos, chama a atenção nesses textos o fato de que para esses alunos não existe diferença entre falar e escrever, no caso, eles escrevem como falam. Talvez esta seja a primeira noção importante a ser adquirida nas aulas de português que enfatizam a produção textual. Os alunos devem perceber que na escola podemos aprender uma forma de escrever em português que é aceita pelas convenções sociais. Um padrão que seria chamado de a forma “certa” de escrever. Também, que temos outros registros da língua, a forma de falar, que difere da forma de escrever e tem um espectro grande de variação, dependendo do contexto em que nos encontramos. Vejamos a ponderação de Perini sobre esta questão:

(...) há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de “português”); e outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome). E é esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (o “português”) tem que ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente (PERINI, 1997, p. 36).

Essa seria uma reflexão relevante e constante em nosso projeto, porque embora em ambientes digitais como em um *blog* se permita uma linguagem mais coloquial, teríamos que encontrar certo equilíbrio. Eu, como professora, não poderia interferir nas produções escritas a ponto destas perderem a marca autoral dos alunos ou o “frescor” do texto. Por outro lado, os alunos teriam que perceber que não se trata somente de escrever “certo” ou “errado”, mas de valorizar a comunicação buscando na escrita uma forma mais organizada e clara de se expressar. Isto porque o esforço

pela comunicação deve ser tanto de quem escreve como daquele que lê, pois são eles que juntos construirão a partir do texto o que Perini (2005) chama de “as pontes de sentido”.

Mas também percebi, lendo os textos, as diferenças de interesses e de idades nos alunos. Foi nesse momento que surgiram as primeiras dúvidas sobre a viabilidade de organizar com toda a turma um único *blog*. Depois de reler muitas vezes os pequenos textos apareceu a solução: deixar que os próprios alunos se organizassem em grupos conforme suas afinidades. Cada grupo escolheria um assunto a ser tratado em seu *blog*, sempre que este tivesse alguma relação com a escola.

Esta nova proposta foi acatada ainda com maior entusiasmo pelos estudantes. No dia em que comuniquei a eles minha ideia de que um *blog* da turma seria algo impossível de ser realizado, mas que em compensação pensava que poderíamos montar vários *blogs*, a turma em pouco segundos passou do total desapontamento ao máximo do entusiasmo.

Começamos a partir deste primeiro texto *Quem Sou?* a desenvolver uma metodologia de trabalho com o objetivo de publicar os textos nos *blogs*. Os textos eram escritos à mão pelos alunos, passavam por uma avaliação minha e, caso necessário, eram reescritos, seguindo sugestões e observações apontadas. Depois passavam para a fase de digitação e nova revisão de minha parte. Somente então poderiam ser publicados na página.

### **3.2. Trabalhando em grupo**

Para o processo de construção da escrita com os alunos, eu tinha sempre em mente as premissas apresentadas por Geraldi (1997, p. 137), já referidas no Capítulo II. Assim, os alunos eram constantemente lembrados de que seus textos seriam disponibilizados ao público e que deveriam despertar o interesse de pessoas que sentissem afinidade com os assuntos tratados.

Durante o projeto, visando à produção textual, cada aluno pôde compartilhar em seu grupo suas próprias experiências sobre um tema de interesse comum. A reflexão construída coletivamente a partir dessas vivências individuais estimularam a

compreensão do particular dentro do geral na qual se inserem. Surgia, então, um conhecimento que o grupo, por uma motivação interna ao próprio trabalho, desejava comunicar. Os interlocutores possíveis seriam os usuários de *blogs*, eximindo o professor de ser o destinatário final, e quase sempre o único, dos textos. Eu, assim, tornei-me um interlocutor intermediário, que podia sugerir e apontar caminhos possíveis para o aluno dizer o que desejava dizer, em total sintonia com Geraldi (1997, p.128) que vê o professor como um interlocutor que deve dialogar com o aluno, discordar, questionar e conduzir o educando ao exercício de sua subjetividade. O mais importante na minha tarefa de professor não seria avaliar o nível de aprendizagem dos estudantes, mas permitir que os alunos se descobrissem como autores de suas próprias ideias, sujeitos da sua linguagem.

Com essa metodologia de trabalho, ao mesmo tempo em que eu fazia correções em cada trabalho apontando dificuldades individuais, realizava uma coleta de problemas ortográficos, sintáticos, morfológicos ou de caligrafia recorrentes nos textos e assim adquiria dados com a finalidade de eleger conteúdos de gramática a trabalhar com a turma.

No aspecto prático, o processo de frequentar o laboratório de informática durante o projeto se mostrou bastante dinâmico. Como os alunos nunca haviam tido aulas de informática na escola, o conhecimento de cada um tinha origem e nível diferentes. Os procedimentos de usar *e.mail*, digitar, salvar textos, arquivar em pastas, postar no *blog* e finalmente montar o *blog* foram aprendidos passo a passo pela turma. Alguns alunos absorviam tudo muito rapidamente partindo de informações ou práticas que já possuíam, já outros tinham certa dificuldade pelo pouco contato com a tecnologia. Nesse ponto, o trabalho em grupo colaborava para que esse conhecimento fluísse entre os estudantes, não sendo necessário que todos dominassem todas as etapas e sim, que houvesse trocas dentro do grupo, pois todos tinham algo para ensinar e alguma dúvida para ser sanada.

Não foi nada difícil fazer com que formassem os grupos e logo tínhamos uma nova organização na sala. Mesas e cadeiras agrupadas de forma a que os alunos ficassem frente a frente. Essa seria a nova geografia para muitas de nossas aulas. Já no

laboratório de informática, os alunos sentavam agrupados também e normalmente cada grupo tinha dois computadores a disposição.

O primeiro trabalho dos alunos, já separados em grupos, foi definir o assunto do *blog*. Como resultado foram criados cinco grupos: **Time 61**, **Confirmadas**, **Novinhas do Leopolda**, **Ideias 61** e **Qualquer Coisa 61**.

O grupo que se intitulou **Time 61** era composto originalmente por quatro meninos, entre 11 e 12 anos, todos “loucos” por esporte: Nicholas, Kevin, Igor e Pedro. Depois os fundadores do grupo aceitaram receber dois novos integrantes, Guilherme e Lucas, ambos com 16 anos, o primeiro transferido do turno da tarde e o segundo dissidente de outro grupo.

Como primeira tarefa em grupo, sugeri aos alunos uma produção textual que apresentasse o tema do *blog*. Essa tarefa, feita a várias mãos, inicialmente produziu certos conflitos nos grupos, mas também promoveu o debate e de certa forma, sedimentou o entendimento entre os alunos. Foi um primeiro e importante passo que veio ao encontro da ideia apresentada por Leme Brito (2007, p. 64) de que “somos mais capazes de resolver problemas, criar soluções, produzir alternativas, enfim, pensar em equipe do que individualmente. Na maioria de situações de participação social, agimos coletivamente e, portanto, sabemos coletivamente. É dentro desta lógica que a relação entre teoria e prática faz sentido.”

No caso do **Time 61**, houve fácil consenso em definir o assunto do *blog*. O texto de apresentação aparece em fundo vermelho na página:

*O time da 61 é da escola Leopolda Barnewitz situada no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre.*

*Os esportes que praticamos são: futsal, basquete, handebol e vôlei.*

*O time da 61 inventou um esporte chamado Futrafa (futebol com garrafa), a gente também trouxe para a escola uma brincadeira Tamp Cros.*

*Nós do time 61 temos uma reclamação: Por que nós não temos dois períodos de educação física? Isso é uma injustiça para a nossa turma!*

*A nossa diretora é colorada por isso gostamos muito dela.*

Esses alunos eram bastante criativos e, além do texto de apresentação, cada integrante colocou seu perfil na página e surgiram textos sobre o “Futrafa”

(pronunciado fut-rafa) e o “Tamp Cross” jogos inventados por eles e praticados na escola. Também algumas produções textuais autobiográficas ou de ficção.

O entendimento destes alunos sobre a utilidade do trabalho desenvolvido fica evidente nos próprios textos postados, como neste trecho do texto “Tamp Cros”:

*Nós neste blog queremos divulgar este jogo, para que seja visto por todos e então haverá mais jogadores para nós jogarmos.*

Ou no início deste outro texto, intitulado “Futrafa”, que explicava o esporte inventado pelo grupo:

*Nós do time 61 jogamos Futrafa por que a vice-diretora não libera a bola de futebol e a nossa única saída é jogar futrafa só com garrafa pet.*

Outro grupo que não teve dificuldades em encontrar um tema para seu *blog* - **Confirmadas** - foi formado por seis meninas. Decidiram que seu *blog* falaria sobre os “bondes na escola”. Os bondes eram nada mais que gangues que se formavam e muitas vezes se reuniam para ações violentas e perigosas, uma “febre” naquele momento nas escolas públicas. Descobri que todos os alunos tinham algum relato ou opinião sobre este movimento e que o assunto era muito presente no meio estudantil.

Este grupo se organizou rapidamente distribuindo funções e tarefas entre as participantes. Eram estudantes bastante dedicadas e mostraram plena assimilação dos conceitos explanados nas primeiras aulas, produzindo textos curtos, objetivos e acessíveis. O texto de apresentação exemplifica:

*Somos o grupo Confirmadas.  
Nosso blog fala sobre "bondes nas escolas" e é um blog coletivo.  
Aqui todo mundo pode dar sua opinião.  
Sou a Deshree, sou a líder do grupo.  
Eu sou a Mariana, sou a responsável pelas entrevistas do blog.  
Me chamo Kanandra e também sou entrevistadora.  
Oi, sou a Alexandra, sou a responsável pelas postagens.  
Nathalia, sou eu que coloco as imagens no blog e também faço entrevistas.  
Sou a Luana, eu também coloco imagens no nosso blog.  
"Quem conhece sabe"*

A ideia de fazer enquetes sobre o tema dos bondes e a violência na escola partiu das integrantes e este interesse pela opinião alheia motivou um estudo da turma sobre como realizar entrevistas: o que é, como conduzir, como se comportar, como organizar um roteiro.

O **Confirmadas** em dado momento passou por um conflito de relacionamento, pela falta de acordo sobre as questões e os procedimentos que seriam feitos durante as entrevistas. Ainda, a líder do grupo exercia seu comando de forma um tanto autoritária, aumentando o desconforto. Intervi mostrando a possibilidade de cada uma conduzir e criar sua entrevista a seu modo e depois de reunido todo o material, este passar por uma avaliação coletiva. Assim, as meninas conseguiram publicar depoimentos interessantes no *blog* sobre o tema:

*Eu não gosto muito de bonde porque perto da minha casa tem muito bonde. Tudo que acontece a gente não pode olhar torto. Porque eles já querem matar, eles são muito violentos. A minha opinião sobre as violências de bondes? Acho horrível porque muitos andam armados e têm outros que querem dar para matar e eles dão numa pessoa com dez nego. Eu já fui alvo de violência de bonde quando eu e minha amiga fomos numa festa. Tinha um bonde de umas gurias lá e elas se encarnaram na gente. A gente se pegou com elas, estavam de canivete, o bonde das NOTURNAS, lá da linha do limite, lá do Partenon. Meu nome é Thayna, tenho 14 anos, estudo no Leopolda Banewitz, sou estudante !!*

*Bonde para mim é muita vitima de briga, quando eu bato é legal, quando eu apanho é chato. Já briguei com dois bondes, mas eu nunca apanhei. Meu nome é Daniel e tenho 12 anos Estudo no Duque de Caxias !!*

Houve ainda outro ponto de tensão no grupo. Uma das meninas era “crente” e isto só foi revelado quando sua mãe veio ao colégio tirar satisfações sobre a participação da aluna no projeto. Esse acontecimento elucidou a resistência da menina frente ao grupo a várias ideias que surgiam e que passava por capricho, gerando desentendimentos. Ficamos sabendo, por exemplo, que a menina não poderia em hipótese alguma ser fotografada e muito menos ter sua imagem em uma página da internet.

De toda forma este grupo desempenhou seu trabalho bastante bem e a partir do assunto “entrevistas” surgiu a possibilidade de introduzir na turma um estudo sobre o traço ficcional de toda história. Para um entendimento prático, realizamos uma

tarefa da qual os alunos gostaram muito. Tratava-se de, a partir de nomes inventados<sup>2</sup>, criar biografias, contando as histórias de vida destes personagens. Os nomes sugeridos para o trabalho foram: Olga Plumova, Pedro de Alvarado, Francisco de Assis dos Santos, Gudiara Makimba, Irma Grese e Carlos Monzon. As crianças, a partir desta proposta, escolhiam três nomes e criavam suas histórias. A riqueza e a diversidade das histórias que surgiram foram realmente surpreendentes (anexos A e B).

Este trabalho sobre criação de personagens evoluiu para nova produção textual na qual cada estudante poderia relatar um episódio vivenciado por eles mesmos ou que houvesse sido presenciado por eles. Alguns alunos indagaram se poderiam contar histórias passadas com eles e suas famílias, eventos de suas vidas privadas. Isto me leva agora a contar um pouco sobre o grupo **Qualquer Coisa 61**.

Este grupo foi composto basicamente pelos “alunos problema” da turma. Lucas, Pamela, Bruno, Carlos, Kacinely, Leonardo e André tinham algo em comum. Eram alunos repetentes, frequentavam pouco as aulas e quando em classe tinham tendência a resistir a qualquer proposta de trabalho ou a interferir no andamento da aula, geralmente chamando a atenção. O grupo publicou poucos textos em seu *blog*, mas o trabalho deles se desenvolveu de forma muito significativa e desde a primeira produção textual apresentou oportunidades valiosas de interação entre professor e aluno.

O **Qualquer Coisa 61** optou por falar sobre a escola, pois os integrantes tinham várias demandas e queixas que queriam externar. Porém, a primeira versão de seu texto de apresentação, além de problemas gramaticais e de estrutura, tinha um tom extremamente agressivo, realmente uma linguagem bastante hostil. Nossa conversa sobre a necessidade de uma reescritura do texto, em um primeiro momento, foi muito mal recebida pelos alunos que me acusaram de censura ao tema proposto.

Surgiu então uma chance ímpar de conversa com a turma sobre a responsabilidade de cada um na escolha pela forma com a qual nos expressamos, a fim de que nosso discurso seja respeitado. Este princípio aparece em Geraldí (2003, p. 62), “sabe-se que não se pode falar tudo nem de tudo em qualquer circunstância não

---

<sup>2</sup> Texto produzido por Maria Luiza Bonorino Machado, para Atividades de criação literária II, no prelo.

importa a quem”. Essa ideia foi claramente apresentada ao grupo; empenhei-me em assegurar que achava a proposta do trabalho realmente interessante e necessária, mas que o tom queixoso e agressivo provavelmente afastaria qualquer possibilidade de interlocução. A partir desta reflexão surgiu este novo texto de apresentação:

*O nosso grupo se chama Qualquer Coisa 61.*

*O assunto do nosso Blog é? A escola.*

*A nossa escola se chama Leopolda Barnewitz. Ela é uma escola diferente das outras.*

*Uma coisa legal é que tem professores que passam matérias boas, mas tem os que passam matérias chatas. A escola Leopolda tem uns pequenos problemas, por exemplo: o chão do pavilhão está com o parquet solto a tempos e ninguém arruma. Daí fica difícil quando temos educação física. Os banheiros estão sempre sujos, parece que ninguém limpa. Mas apesar de todos os problemas, o colégio Leopolda Barnewitz é muito bom sim, apesar de ter seus defeitos e suas qualidades.*

O **Qualquer Coisa 61** se mostrou durante todo o projeto um grupo de contestadores. Esses alunos estavam sempre propensos a dizer “não”, essa era sua forma de marcar sua individualidade. Eles se sentiam diferentes dos outros, coisa que de fato eram, já que com idade para estar terminando a escola, frequentavam a 6ª série. Porém, também estavam dispostos a dialogar, se deixavam conquistar frente a uma boa argumentação e encontraram no projeto do *blog* uma ocasião excelente para se expressar, como vemos no texto abaixo:

*Os banheiros da escola*

*Bom eu estudo na escola Leopolda Barnewitz. Ela tem 4 banheiros, mas só que tem uns problemas nos banheiros, estão sempre sujos e fedidos. Um dia eu fui na escola Mãe Admirável ali do lado e tem 4 banheiros tbm e são super limpos. Eu não entendo pq na nossa escola os banheiros não são limpos igual aos da escola Mãe Admirável.*

Um dia chegando adiantada na escola, me sentei no pátio para observar a hora do recreio e uma aluna se aproximou. Era Pâmela, componente do grupo **Qualquer Coisa 61**, uma menina de 14 anos que estava grávida, já com uma gestação de 7 meses. As outras professoras da escola já haviam me alertado da desconfiança de que a menina havia engravidado do padrasto e que a escola pensava levar este fato ao conhecimento do Conselho Tutelar. Pâmela queria saber se era pertinente fazer uma



produção textual sobre uma história real que havia acontecido com ela, um caso de morte na família. No dia seguinte recebi este texto:

*Minha Vida*

*Começa no ano de 2007, na primeira vez quando meu pai foi pro hospital. Eu tinha esperança que ele voltasse para casa, passou 3 meses ele veio para casa e voltou para o hospital de novo. Eu chorava muito e minha mãe me dizia que ele ia sarar, mas a doença dele não tinha cura (HIV). Quando ele descobriu que tinha HIV, começou a fumar pedra e foi aí que começou a se acabar. A última vez que ele foi pro hospital a minha mãe falou que não sabia se ele ia voltar pra casa.*

*Um dia minha mãe foi lá ver ele e ele tinha morrido. Quando eu fiquei sabendo, eu chorei tanto, mas tanto... Chegou de noite, nós fomos no cemitério. Cheguei lá, vi ele deitado no caixão, não queria acreditar que ele tinha morrido. Eu dizia para minha mãe que ele estava dormindo. Hoje eu sinto muita saudade dele. Queria que ele estivesse aqui quando meu nenê nascer.*

*Essa é minha história.*

*Pâmela*

Propus que ela tornasse público seu texto, postando-o no *blog*. Achei o texto muito sincero e tocante e era evidente que a menina sentia falta de compartilhar aquele momento difícil de sua vida. Argumentei que com essa atitude ela poderia encorajar outras pessoas a falarem de suas angústias e preocupações mais abertamente, possibilitando a aproximação e a soliedariedade dos outros. Pâmela se sentiu estimulada e depois, em uma auto-avaliação ao final do estágio, agradeceu pelo espaço de diálogo que compartilhou (anexo C). Que mais um professor poderia querer escutar?

Em se tratando de trabalhos em grupo, um dos papéis importantes que o professor deve exercer é o de conciliador. O grupo **Ideias 61** reuniu cinco meninas com idades e interesses bastante parecidos: Stefani, Emanuelle, Aline, Julia e Luiza.

Logo no início do projeto este grupo passou por uma crise e esteve a ponto de dissolver-se. Houve um dia em que entre acusações e lágrimas, tive que sair da sala com todas as integrantes para uma conversa definitiva. Este episódio resultou em uma excelente conversa com a turma sobre a importância de aprender a trabalhar em grupo e a arte de relacionar-se com o outro.

Para solucionar a crise, sugeri que as meninas utilizassem seu *blog* como espaço de reflexão sobre as dificuldades de se trabalhar em grupo. Para tanto, elas

criariam algo como um diário de bordo, onde contariam situações vividas e dariam “dicas” de como encontrar a harmonia no trabalho. As alunas gostaram da sugestão e no texto de apresentação, colocam com suas palavras a proposta:

*Nosso BLOG é uma pasta de atitudes e conhecimento de coisas como brigas e é relacionado a cinco meninas super divertidas. No começo do trabalho passamos por problemas como uma briga boba. Por causa desta briga quase acabou, mas como amigas não se separam por bobagem o grupo continua. Com a ajuda da professora conversamos e entramos num acordo de falar das nossas brigas e nossas amizades.*

*Queremos mostrar um pouco da vida de cinco meninas divertidas que estudam na 6 série do Colégio Leopolda Barnewitz. Somos colegas*

*Aqui vão alguns segredinhos para fazer um blog:  
Quando ocorre um problema no grupo envolvendo um recém-chegado, o melhor a fazer é falar abertamente sobre a situação.  
Você não precisa mudar e ser diferente do que é só para ser aceita pelos outros.  
Admitir-se que você errou é um sinal de inteligência e maturidade.  
essas frases são tiradas do livro: Super Grupo*

Este grupo teve um visível amadurecimento durante o trabalho, as meninas foram desenvolvendo seu *blog*, postando poesias e letras de músicas, além de textos autorais sobre amizade e relacionamentos. As integrantes deste grupo foram as mais assíduas nos encontros extras no Laboratório de Informática e rapidamente foram absorvendo os novos saberes sobre como manusear o *blog*. Nos trabalhos de auto-avaliação que aconteceram no final do projeto, as estudantes expressaram suas conquistas (anexos D e E).

O último grupo, **Novinhas do Leopolda**, era composto por quatro meninas: Daira, Aline, Valéria e Ianely. Todas tinham idade para estar além da sexta série, mas por diferentes motivos, estavam naquela turma: Aline havia repetido o ano porque mesmo tendo uma caligrafia lindíssima e boas notas em outras matérias, havia sido reprovada em História, Daira morava na Vila do Papeleiros e faltava muito às classes porque, muitas vezes, tinha que ficar em casa cuidando do irmão menor, Ianely era a menina mais velha da turma, fazia 15 anos naquele ano e assim como Valéria tinha sido transferida de outra escola após perder o ano.

Eram adolescentes comuns, todas provenientes de famílias de baixa renda, com suas dificuldades e sonhos. Pareciam bastante desmotivadas para permanecer na

escola, mas quando possível apareciam para os encontros extras no Laboratório. Tiveram em um primeiro momento boa inspiração para o trabalho, mas como não possuíam computador em casa e portanto o contato com a tecnologia era raro, tiveram dificuldades até para digitar os textos. Infelizmente com o tempo restrito do projeto, conseguiram postar pouco, mas em sua proposta inicial se percebe que entenderam o projeto:

*Olá! Somos as Novinhas do Leopolda e estamos na 6ª série. O nosso blog é um meio de interagir com outras pessoas, um album para nossas fotos online, escrever o que estamos sentindo e também como foi nosso dia. É um jeito legal de mandar mensagens, conhecer novos amigos. Através do E-mail podemos estar interligados com o nosso grupo, também com nossos amigos. Podemos enviar arquivos, fotos, videos e musicas.*

Como já havia comentado, durante todo o projeto, enfrentamos muito mais do que as dificuldades intrínsecas ao próprio trabalho. A desorganização da escola, as trocas de horários, os períodos reduzidos, as faltas da responsável pelo laboratório, os períodos forçosamente dedicados à revisão de conteúdos gramaticais trabalhados anteriormente pela professora titular, foram alguns fatores que interferiram no andamento do projeto.

Ainda assim, neste contexto, conseguimos colocar no ar cinco *blogs* da turma 61 e posso dizer sem dúvida alguma que o envolvimento dos alunos no projeto foi determinante nos resultados obtidos. Este envolvimento foi cultivado desde o primeiro encontro com os alunos, como premissa básica no desenvolvimento do trabalho. O projeto A ERA DOS BLOGS foi centrado na produção textual dos alunos e foram esses textos que nortearam os caminhos para um aprofundamento nos estudos de Língua Portuguesa. Ao mesmo tempo, o objetivo destes estudos foi aprofundar a compreensão dos temas dos quais os alunos queriam falar e aprimorar seus modos de como falar e escrever a fim de produzir melhores efeitos. Assim, nosso objeto de estudo, a Língua Portuguesa, esteve sempre a serviço do sujeito que articula, no aqui e no agora, um ponto de vista sobre o mundo. A ênfase no produtor do discurso, no contexto enunciativo, portanto, evidencia uma clara opção por desenvolver no aluno as habilidades de expressão e não a de um mero saber a respeito da língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, me propus a refletir sobre algumas questões, utilizando como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento que o MEC disponibiliza a todos os professores para que o utilizem como apoio. Estas questões, que me acompanharam durante o curso de Letras, estiveram muito presentes durante a experiência de estágio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopolda Barnewitz, e creio não ser difícil pensar que a realidade dessa escola comum se assemelhe a tantas outras da rede pública de ensino.

Confrontando os PCN com o contexto escolar, pensava encontrar respostas para perguntas relativas ao ensino, tais como: Na prática como se dá o ensino-aprendizagem? Como se comunicam mestres e alunos? O que a educação pretende é o que realmente produz? Como a escola encara o ensino de Língua Portuguesa? E ainda, as muitas outras questões que surgiram durante a realização dos estágios obrigatórios para a formação docente.

De fato, nesse documento, encontrei subsídios claros e acessíveis para a prática do educador. As propostas de trabalho, a meu ver, realmente orientam quanto ao cotidiano escolar e ao mesmo tempo incentivam cada instituição a “olhar” para sua realidade a fim de criar práticas pedagógicas próprias e adequadas a seu contexto.

Porém, uma vez frequentando a escola durante o estágio, em meu exercício de professora de Língua Portuguesa, participando e ao mesmo tempo protagonizando os acontecimentos em sala de aula, tive a impressão de que um abismo separa essa proposta teórica de sua prática.

O primeiro sintoma de que algo não funcionava como deveria foi percebido como a falta absoluta de interação entre professor e aluno em classe. Embora aquelas crianças tivessem aulas com a professora titular de Português, de três a quatro vezes na semana, não havia nada que indicasse um real encontro entre eles.

Uma das causas dessa carência e que, sem dúvida, afeta a qualidade do ensino, é o fato de a professora ter diante de si uma classe bastante heterogênea e com um número excessivo de estudantes. Certamente uma realidade reproduzida em

diferentes escolas, com o agravante de muitos professores passarem muitas horas diárias em classe. Não pude vislumbrar qual procedimento a professora utilizava para conhecer e se aproximar dos alunos, ou se este seria um de seus objetivos, mas sei que em meu caso, tive que dedicar muitas horas extra classe para poder ler seus textos, entender suas dificuldades e refletir sobre como contornar um contexto escolar pouco propício ao encontro, acontecimento que estimula e pressupõe intercâmbio de ideias, conversas, enfim, o cultivo de ocasiões que possam gerar oportunidades de aproximação.

Senti real necessidade de criar situações de interação durante o estágio e isto levou o trabalho a se estender para fora de sala de aula. No caso deste projeto, várias horas foram dedicadas a criar novas formas de trabalhar o conteúdo, já que basicamente este surgia com os textos dos alunos. Não era possível optar por um material já pronto porque então, teria que ignorar o que as crianças me apresentavam em seus próprios escritos, em nome de um conteúdo que elas supostamente deveriam estar estudando ou que supostamente já dominassem. Isto significaria perder o foco no aluno abrindo mão da oportunidade de interagir com eles.

O próprio texto dos PCN alerta que não pretende oferecer todas as respostas para resolver todos os problemas que afetam a qualidade do ensino no país, pois, para tanto, seriam necessários múltiplos investimentos em formação de professores, em uma política de salários dignos, em um plano de carreira ....

Penso que dentre os aspectos elencados, posso destacar o processo de formação e qualificação dos professores como determinante para a ausência das teorias propostas nos PCN, nas salas de aula. Assim, o que vemos é uma profunda lacuna na formação crítica e capacidade de reflexão, tanto dos professores quanto dos gestores e dos próprios alunos, transformando todo o processo de formação em uma roda viva sem futuro, como uma aluna com apenas 12 anos (p. 47) tão bem refletiu em sua auto avaliação.

Realmente entendi durante o estágio que, frente a tantas dificuldades, um forte investimento e muita dedicação do professor são requisitos fundamentais para a prática docente. Mas, mais do que isso, o professor precisa tornar consciente seu papel

de protagonista na criação e aplicação de políticas educativas, assumindo seu lugar de agente principal na formação do cidadão.

Teria apreciado muito poder compartilhar estas reflexões dentro da escola. Existe um convite expresso nos PCN ao educador, para que reflita sobre a prática docente e compartilhe com os colegas e demais profissionais da escola (direção, coordenação, orientação, psicopedagoga, psicóloga) suas impressões. Mas, infelizmente, na prática tal ação encontra obstáculos. No grande momento de encontro, propício para tais trocas, o Conselho de Classe, solicitada pela diretora para falar sobre o desenvolvimento de meu projeto, comentei algumas dificuldades que havia encontrado na escola, como o pouco tempo no laboratório de informática, ou a constante redução e alteração dos horários. Esses comentários foram rebatidos pela vice-diretora e demais professores, como se fossem algo fora da realidade ou inventado, e cheguei a ouvir de uma professora de matemática que, por ela, não haveriam estagiários naquela escola. De fato, tal falta de abertura e pobreza de espírito são totalmente desestimulantes para qualquer docente em início de carreira e a impressão que restou é a de que todos naquela escola estão confinados em um lugar onde não há entendimento, porque não existe diálogo, intercâmbio, tolerância, e em última instância, afeto. Como aqueles professores poderiam escutar seus alunos se sequer conseguiam ou desejavam dialogar com seus pares?

A linguagem não é algo alheio ao indivíduo, surge da interação com o outro, com o mundo. Seu uso não é absolutamente um conhecimento a ser adquirido, mas sim um saber a ser desenvolvido. Sendo parte da própria constituição do homem, permeia todas suas ações e pensamentos. Por isso, julgo que estudar a língua extrapola os limites de uma aula de português, sendo esse estudo intrínseco a qualquer disciplina ou conteúdo na escola e, ainda, altamente enriquecido pela interação dos professores com seus alunos.

Na sexta série, os alunos já atravessaram a traumática mudança de ter uma professora única que ensina e trabalha todos os conteúdos de forma integrada, para uma realidade onde tudo parece se fragmentar em disciplinas e professores distintos. Neste movimento, os alunos são levados a abandonar aquela relação mais pessoal com o professor. Além disso, frequentemente a escola os obriga a trocar de sala a

cada período e a dedicarem-se a cada matéria somente até o sinal tocar, como se cada disciplina estudada fosse independente e desconectada do todo.

É então muito bem vinda a proposta de interdisciplinaridade nos PCN, para que o aluno considere a língua em uma perspectiva mais ampla, relacionando o estudo da língua portuguesa aos temas transversais propostos. É uma boa oportunidade para retomar a ideia de que o ensino não deve ser fragmentado, mas partir da percepção do todo. Porém, como isso pode acontecer em um contexto escolar de encontros inexistentes e falta de comunicação em todos os níveis de relacionamento: professor-aluno, professor-professor, professor-diretor?

O confronto entre o que a teoria propõe e o que a prática apresenta patrocina uma relação ainda mais confusa entre professores, alunos e conteúdos a serem ministrados. O que se constata, no caso da língua portuguesa, na Escola Leopolda Barnewitz, é a realização de atividades de produção escrita desvinculadas de funções comunicativas adequadas às exigências sociais, que pedem uma postura interacionista.

Na rede mundial de computadores, as interações estão acontecendo de maneira fluida e criativa, obedecendo obviamente aos limites permitidos para essa produção: número de caracteres, estilo do texto, etc. Entender as condições de produção do texto no ambiente virtual, buscando aproximá-las do que tem sido feito em sala de aula, no que concerne à produção escrita dos alunos, possibilita entender a verdadeira necessidade de atualizar as práticas enquanto professor de língua materna. É nossa tarefa proporcionar aos alunos uma formação que possibilite, no mínimo, melhor compreender seu papel enquanto cidadão inserido em contextos sociais que demandam práticas plurais de leitura e escrita.

Neste trabalho defendo o uso da tecnologia como uma ótima ferramenta disponível, mas reafirmo, baseada em experiência própria de convivência em aula com Seu Rolla, meu professor de dança, que uma rica interação em sala, dos alunos entre si e entre professor e alunos, é a melhor estratégia de construção de conhecimento.

A relação aluno-professor é estabelecida de forma individual e única. É reconstruída diariamente porque não existem fórmulas prontas. Porém, com certeza a dimensão do ensino e da aprendizagem em sala de aula é marcada por um tipo especial de relação, a qual envolve o professor e o aluno na mediação e apropriação do saber. No caso do ensino de língua portuguesa, é fundamental que aluno e professor se comuniquem. O professor tem a responsabilidade por fomentar um espaço para um ensino da língua construído a partir da diversidade textual, do intercâmbio de gostos e práticas de leitura, da produção e análise linguística em suas condições reais de uso.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BÉGAUDEAU, F. *Entre os Muros da Escola*. Trad. Marina Ribeiro Leite. São Paulo: Martins, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

———. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. “O ensino da literatura e escrita”. In: Correa, Djane Antonucci e Saleh, Pascoalina Bailon de Oliveira (orgs.) *Práticas de Letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CIPRIANI, F. *Blog corporativo*. 2 ed. São Paulo: Novatec, 2008.

FARACO, C. A. “Desembaraçando alguns nós”. In: Bagno, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. *Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom)*. **Educar em Revista**, Curitiba: n. 15, p. 179-194, 1999.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. Marisa Lajolo (org.) São Paulo: Moderna, 2003.

FONTOURA, M. M. “A problemática de um desafio”. In: Nóvoa, Antônio (org.) *Vidas de Professores*. 2ª ed. Trad. Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1999.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, A. B. “Processos Identitários na Formação Profissional – o professor como agente de letramento”. In: Corrêa, Manoel Luiz Gonçalves e Boch, Françoise

(orgs.) *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MILLER, C. R. *Gênero textual, agência e tecnologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MORÁN, J. M. *Entrevista para o Portal Educacional*. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/home.asp>>. Acesso em: 14 de julho de 2012.

NIAS, J. “Teaching and the self”. In: *Perspectives on teacher professional development*. London: The Falmer Press, 1991. P. 178-185.

NÓVOA, A. “Os professores e as histórias de sua vida”. In: Nóvoa, Antônio (org.) *Vidas de Professores*. 2ª ed. Trad. Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

PARRAT-DAYAN, S. *Como Enfrentar a Indisciplina na Escola*. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

PERINI, M. A. *Sofendo a Gramática: ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Ática, 1997.

SOLVES, H. (comp.) *La escuela una utopía cotidiana*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1993.

SUASSUNA, L. “Avaliação e Reescrita de Textos Escolares: a mediação do professor”. In: ELIAS, Vanda Maria (org.) *Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.

*Blogs* construídos durante o projeto de estágio:

<http://qualquercoisa61.blogspot.com>

<http://novinhasdoleopolda.blogspot.com>

<http://timeda61.blogspot.com>

<http://ideias61.blogspot.com>

<http://confirmadas-confirmadas.blogspot.com>

## Anexo A

Judiana Maximila nasceu em 1964 com sérios problemas respiratórios ela passou por várias cirurgias no pulmão. Judiana com 18 anos mesmo com tantos problemas fez um livro chamado nasceu do sol que fala mesmo que tenha problemas lute para ser feliz. Seu pai João morreu em 2001 sua mãe Luana em 2002 e ela não desistiu.

Alga Dinmova nascida em 1950 é filha de um ator famoso mundial Luiz Moraes mas enfrenta sérios problemas sua mãe morreu quando ela nasceu e seu pai viaja o mundo a fora e ela só fica só, sua ~~única~~ ~~única~~ única com Patrícia é sua empregada Marlene que são muito amigas.

Srma Grese tem ~~80~~ ~~80~~ 80 anos e corre todos os dias. Seu recorde é 100 metros. E ela mostra muito desempenho já ganhou vários troféus medalhas de ouro, prata e cobre ela é muito famosa. A mídia a persegue a todo instante.

## Anexo B

### Carlos Monzen

O Carlos Monzen nasceu no Rio de Janeiro, ele é um carioca muito simpático. A família dele tem uma grande história, o pai de Carlos antes de morrer, construiu uma grande empresa de minas de diamantes, o nome dela é "Diamentis". O pai de Carlos vai deixar a empresa, e quem vai assumir agora é Carlos. Ele vai se tornar um grande empresário rico.

### Francisco de Assis dos Santos

O Francisco de Assis dos Santos, é um pai de família humilde e pobre. Ele é gari e vai todas as madrugadas para trabalhar.

Francisco tem uma mulher e dois filhos para sustentar, sua filha lhe chama de xico.


### Pedro Alvarado

Pedro Alvarado é um estudante, está fazendo faculdade, ele é bolsista da universidade PUC.

Ele batalha para ser um doutor, e dar uma vida boa e confortável a sua família.

Pedro é negro, e já sofreu muito preconceito por isso, ele pretende ser bem visto por todos.

Anexo C

Tomucci  ♥ ♥ ♥ ♥ ♥ ☺ 16 6 9

1) Que tipo de Estudante eu sou? Eu acho que eu sou diferente dos meus colegas por que tem dias eu converso com todo mundo, Mas Ninguém me entendi achão que eu sou louca só por que eu morei com um cara de 38 anos, Ano passado eu trai ele, agente ligou feio, e ele me empurrou e eu me machuquei, e todo mundo diz que ele me bateu, Mas ele Nunca incastou um dedo em mim. É por isso que eu me acho indigente deles.

2) O que eu aprendi Neste projeto? Eu aprendi me abrir para as pessoas, como o que eu falei Naquela folha, eu tinha vergonha de contar minha vida, Agora não, eu não tenho mais vergonha.

Vai isso que aprendi.

Obrigado ter me escutado.

Nome: pâmela M. J  
Turma: 61

Eu não queria que a senhora fosse em leão. Mas saiba que eu Nunca vou esquecer o que a senhora fez por mim.

Obrigado de novo.

Anexo D



16 06 09

Nº 20

Surma 61

1) Que tipo de estudante eu sou?

2) O que eu aprendi neste projeto?

Eu sou bagunceira, porque sou muito agitada. E converso muito.

Eu aprendi muito com esse projeto pois agora consigo escrever rápido no computador. Agora tenho email, sei fazer um blog, sei botar foto no blog. E ainda aprendi várias coisas com o projeto do blog.



## Anexo E

1) Que tipo de estudante eu sou?

2) O que eu aprendi neste projeto?

Que tipo de aluno eu sou?  
Penso que eu posso escrever,  
acho talvez que já que a profes-  
sora sabe o que somos não preci-  
samos escrever isso!

Mas já que tenho que escrever  
vou dizer quem acho que sou.  
Acho que sou indiferente, mas tal-  
vez por pensar que não preciso  
aprender mas sim por saber que mes-  
se mundo está difícil de crescer  
na vida. Acho que é isso.

O que eu aprendi neste projeto?

Eu particularmente aprendi que  
numa briga mostrar sua maturi-  
dade é assumir e não ficar falan-  
do que foi o outro.

Mas não foi só isso foi aprender  
a ler mais livros de poesias, amigos  
e etc.

Nome: Jaulia da Silva

J:61

S:616°